

O «Triângulo das Bermudas» através do qual navega Cuba (I) | Roberto Regalado

19/04/2021

Acúmulo de problemas próprios, dupla face do bloqueio e refluxo da esquerda latino-americana.

Declaração da hipótese

O movimento irrefreável da vida, do mundo, da humanidade, das nações, das sociedades, com seus constantes fluxos e refluxos, tornado mais complexo pela pseudo-oscilação do pêndulo do capitalismo senil, cujas viradas para os “novos direitos” são em crescimento Enquanto diminuem os giros de retorno aos «direitos tradicionais» – tendência ratificada pelas ações e declarações do governo Joseph Biden nos primeiros meses -, obriga a rever, atualizar, ratificar ou modificar as estratégias de análises, conclusões e diretrizes da política nacional e internacional da Revolução Cubana.

Com o culminar da transferência de controle dos órgãos de direção partidária e estadual, da direção fundadora para a direção substitutiva, no VIII Congresso do Partido Comunista de Cuba, entre 16 e 21 de abril de 2021, conclui-se o primeiro grande período histórico da Revolução Cubana, cuja etapa de luta pela conquista do poder teve início em 1953 e o exercício do poder conquistado em 1959, ou seja, há 67 e 61 anos, respectivamente. [1]

Para todos os cubanos, incluindo os militantes do PCC, a dimensão deste evento representa, ao mesmo tempo uma oportunidade excepcional e uma necessidade vital, de subir, crescer e, com a altura necessária, olhar para o nosso passado, nosso presente e nosso futuro.

O objetivo da série de três artigos cuja divulgação se inicia hoje é contribuir para o já urgente debate sobre de onde vem, onde está e para onde vai a Revolução Cubana, neste caso, do ponto de vista do tema de trabalho e pesquisa a que dediquei minha vida: *a dominação imperialista e a luta popular na América Latina*, com a etapa histórica por ela aberta (1959-1989) como antecedente e referência, e com a etapa histórica iniciada contra a corrente da crise terminal do “socialismo real” (1985-1991) como objeto principal de estudo. O título desta série refere-se, metaforicamente, ao fato de que Cuba se move em uma “zona de risco” semelhante ao Triângulo das Bermudas, onde navios e aviões “desaparecem”.

Com boas bússolas, o perigo de navegar em águas como essas diminui: nós as temos?

O principal vértice do triângulo enunciado no título é o acúmulo de problemas próprios.

Com maior clareza do que em qualquer processo ou evento anterior – e foram muitos – o impacto da Covid-19 colocou os holofotes em Cuba, ao mesmo tempo e com igual clareza, nas forças e fraquezas coexistentes na construção socialista lançada em 16 de abril de 1961:

– Um exemplo das fortalezas da Revolução Cubana é ter criado um sistema de saúde e uma rede de centros de pesquisa científica que lhe permitem fazer o que nenhum outro país conseguiu: admitir nos hospitais 100 por cento dos casos detectados com a doença. e aplicar tratamentos de eficácia comprovada, alojar todos os contatos desses pacientes em centros de diagnóstico e profilaxia e ativar um mecanismo nacional de prevenção, detecção precoce, monitoramento e prognóstico do comportamento da doença. Como se não bastasse, Cuba está desenvolvendo suas próprias vacinas candidatas, capacidade presumivelmente exclusiva das grandes potências que, tão logo se tornem vacinas certificadas, permitirá imunizar toda a sua população e

colocá-las à disposição de outros países.

– As fragilidades do socialismo cubano são evidentes no fato de que, embora todas as nações, grandes e pequenas, desenvolvidas e subdesenvolvidas, fortes e frágeis, sofram o devastador golpe econômico e social da pandemia, para Cuba constitui um triplo golpe porque: 1) É recebido por uma sociedade cuja economia não conseguiu alçar voo, com asas próprias, nos 61 anos decorridos desde o triunfo da Revolução; 2) desde 2016 sofreu um dos agravos recorrentes de sua crise econômica crônica; e, 3) a pandemia a abalou no preciso momento em que se preparava para reacender uma de suas – também recorrentes – mudanças na política econômica, especificamente, no momento em que se propunha relançar a lenta atualização do modelo econômico empreendida em 2010 ., [3] que em 2020 não havia começado a dar os resultados esperados.

Aqui está outra metáfora: “a terra prometida”. Salienta que, a partir da proclamação de seu caráter socialista, a Revolução Cubana assumiu o compromisso e a tarefa estratégica de motivar, educar, formar, organizar, mobilizar e conduzir o povo na transição para uma sociedade de produtores livres, na que o Estado seria extinto e cada um receberia os bens materiais e espirituais de acordo com suas necessidades. A construção da nova sociedade seria um processo longo, complexo e árduo. Seria necessário resistir e derrotar as agressões brutais e fazer enormes sacrifícios, mas o socialismo não seria uma batalha eterna difícil: derrotar as agressões e fazer sacrifícios não seria um fim em si mesmo. No final do caminho, o povo cubano chegaria à sociedade comunista: o comunismo era a terra prometida. Porém, O processo revolucionário chega ao fim de seu primeiro grande período histórico com um déficit dilacerante no desenvolvimento econômico e social originalmente concebido, e sem que os exercícios de tentativa e erro realizados nessas áreas tenham dado, ou estejam dando, resultados positivos. Esse é o principal problema. Com essa vara, Tyrians e Trojans irão medir o que a liderança de revezamento faz, especialmente sua capacidade de:

1. garantir a continuidade das grandes obras herdadas e, sobretudo, resolver os grandes problemas que também herda, em tempo razoável e com razoável eficácia;
2. tornar mais suportável o cotidiano da longa peregrinação da sociedade cubana em busca da terra prometida, que não se aproxima, mas se afasta no horizonte;
3. convocar e facilitar o debate dos peregrinos em busca de respostas que reavivem, reavivem, renovem e fortaleçam suas motivações para seguir em frente: o que é a terra prometida? Como você consegue isso? Quanto mais eles terão que peregrinar? Que recompensa os espera lá? Em outras palavras, convocar e facilitar um processo pelo qual nossos peregrinos concebam e construam uma nova utopia socialista que, nas palavras de Galeano, os *ajudará a caminhar* . [2]

Slogans não substituem programas. Os slogans são usados ??para convocar e mobilizar em torno dos programas. O nosso “socialismo próspero e sustentável” deve basear-se num programa que especifique o que entendemos por próspero, o que entendemos por sustentável e, sobretudo, o que entendemos por socialismo, visto que a nossa matriz de “construir o socialismo e caminhar para o comunismo “foi a experiência soviética, e 2021 marcará 30 anos desde a dissolução e desmembramento da URSS. Sobre essa experiência, há mais de 15 anos Fidel disse:

Uma conclusão que tirei depois de muitos anos: entre os muitos erros que todos nós cometemos, o erro mais importante foi acreditar que alguém sabia sobre o socialismo, ou que alguém sabia como o socialismo é construído. [4]

Embora a acumulação de problemas próprios seja o vértice principal do triângulo, em vez de o abordar neste primeiro artigo da série, o presente texto de abertura é dedicado ao «enunciado da hipótese». A razão é que o PCC está na reta final dos preparativos para um congresso que terá como foco as mesmas questões políticas internas específicas dos dois anteriores. Conclui-se que não faz sentido falar, muito menos especular, sobre isso. O que você deve fazer nestas semanas é, com os melhores votos de sucesso e o maior espírito de união, aguardar seus resultados. Haverá tempo para debater em que medida houve ou não em suas decisões a correspondência entre *continuidade e mudança* que cada cubano esperava.

Abrir espaços de debate *dentro da Revolução* é a melhor forma de anular espaços de ataque *contra a Revolução*.

O sexagésimo aniversário da linha de princípios traçada por Fidel, *dentro da Revolução tudo, fora da Revolução nada*, é um bom momento para que nossa cultura e nossa prática política passem a ser regidas pelo conceito de *abrir espaços de debate dentro da Revolução. a melhor forma de anular os espaços de ataque à Revolução*. O que está de acordo com a orientação dada por Raúl, em 18 de dezembro de 2010, de não temer discrepâncias:

Não é preciso temer discrepâncias de critérios e essa orientação, que não é nova, não deve ser interpretada como limitada ao debate sobre as Diretrizes; divergências de opinião, preferencialmente expressas em lugar, tempo e forma, ou seja, no lugar certo, no momento certo e da maneira certa, serão sempre mais desejáveis ?? do que a falsa unanimidade baseada na simulação e no oportunismo. É também um direito do qual ninguém deve ser privado. Quanto mais ideias pudermos provocar na análise de um problema, mais perto estaremos de sua solução adequada. [5]

Em que lugar melhor do que em um portal de jovens anti-imperialistas, anti-capitalistas e revolucionários como *La Tizza*, em que momento mais oportuno do que quando começa o segundo grande período da história da Revolução Cubana, e de que forma mais correta do que com uma análise feita com os instrumentos da teoria da revolução social de base marxista e leninista, poder-se-ia dizer o que está sendo dito aqui?

Minha opinião é que as mudanças de que Cuba precisa são para mais revolução, não para menos.

Fidel disse que “os revolucionários deixam primeiro de ser, do que deixam de ser revolucionários”. [5] Penso que ser revolucionário ou revolucionário na Cuba de hoje é dizer tudo o que precisa ser dito e fazer tudo o que é preciso para *revolucionar a política, a economia, a cultura e a sociedade*, a fim de cumprir a tarefa que lhe foi proposta há tantos anos para “recuperar o que foi perdido e avançar muito mais”.

A chave para agir como revolucionários e revolucionários está em como entender, assumir e ser consistente com a relação dialética entre *continuidade* e *mudança*. Quando está ocorrendo o encerramento do primeiro grande período histórico da Revolução Cubana e o início do segundo: o que deve continuar e o que não deve continuar? O que deve mudar e o que não deve mudar? Com base nisso, o que espero do VIII Congresso é que:

– a *continuidade* está no plano geral, no plano da continuidade histórica da Revolução Cubana, da continuidade histórica de um processo revolucionário que está em constante e imparável movimento, que deve ser crescido e superado permanentemente, que sempre precisa crescer e se superar;

– a *mudança* está no plano concreto, no plano levantado nas duas ideias iniciais do conceito de Revolução de Fidel: “A revolução é o sentido do momento histórico; é mudar tudo que deve ser mudado [...]”.

Em essência, espero que a relação entre um plano e outro seja: continuidade histórica da Revolução como um processo perfectível, dentro do qual, segundo o qual, e como uma exigência de que, com um sentido do momento histórico, tudo o que muda alterações. Deve ser alterado.

Um dia ouvi Frei Beto dizer: *O socialismo recompensa o esforço; o capitalismo recompensa os resultados*. O povo cubano precisa e merece um socialismo com resultados perceptíveis na vida cotidiana. Tudo o que impede, impede, impede ou retarda, deve ser mudado. Isso é o que espero do congresso.

Sem dúvida, atualizar é uma forma de mudar, mas não a única que existe, nem a única que o socialismo cubano exige.

Com a política externa, a situação é diferente. Não é necessário esperar o congresso porque não está na sua agenda. Esta questão é sempre motivo de pronunciamentos e posicionamentos, mas em 1991, há 30 anos, no IV Congresso, foi quando pela última vez uma tese e uma resolução nesta área crucial foram elaboradas,

discutidas e aprovadas. Não creio que se deva – nem se possa – esperar que o IX Congresso faça um estudo aprofundado dos desafios e das possibilidades da Revolução Cubana no plano internacional. Existem problemas nesta área que requerem uma análise estratégica atualizada.

Um dos principais desafios da política externa cubana é como enfrentar a “nova carência” de um espaço solidário de acordo político, comércio, cooperação e colaboração. Como resultado da restauração capitalista nos países do Conselho de Assistência Econômica Mútua, ao qual aderiu em 1972, [6] Cuba foi mergulhada no que Fidel caracterizou como um duplo bloqueio, e foi forçada a estabelecer o período especial no tempo. da paz. Foi a eleição de governos de esquerda e progressistas em dez países latino-americanos que lhe permitiu encontrar uma nova família com a qual estabelecer relações de fraternidade: a família que construiu a ALBA-TCP, democratizou o MERCOSUL, fundou a UNASUL e, junto com a CARICOM, construiu CELAC. No entanto, entre 2009 e 2019, oito desses governos foram derrubados ou derrotados, e um traído, enquanto os outros dois estão sob intenso cerco. Isso representa uma “nova carência” para Cuba, que ninguém deve imaginar que possa ser suprida por um eventual levantamento do bloqueio.

A saída de Donald Trump da Casa Branca – que aumentou o bloqueio a Cuba a níveis sem precedentes – e a entrada nele de Joseph Biden – que era vice-presidente dos Estados Unidos quando Barack Obama restabeleceu relações diplomáticas com Cuba – abre a possibilidade. que, em algum momento e em condições a serem determinadas, sejam reiniciados os diálogos entre os dois governos, o que provavelmente incluiria o restabelecimento das ações para amenizar o bloqueio aprovado por Obama e a retomada do processo em busca de seu levantamento total. Isso seria um grande alívio, mas não uma panaceia para os males da economia cubana.

Na América Latina, as perspectivas ainda são incertas. Os reveses sofridos pelas forças de esquerda e progressistas continuam a compensar as novas vitórias, que incluem a eleição de um governo no México, a recuperação do governo na Argentina e na Bolívia, o confortável primeiro lugar com que um candidato passa para o segundo turno a eleição presidencial no Equador e o formidável terremoto que, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, provoca a anulação das decisões judiciais que desqualificaram Lula como candidato à presidência, a que se soma a recente decisão contra o ex-juiz Sergio Moro, que destrói o pilar da guerra da mídia e da guerra legal em todo o subcontinente que foi o caso Lava Jato. No entanto, ainda é muito cedo para reivindicar a vitória. O retorno da esquerda e do progressismo ao governo não será um “mar de rosas”. A vazante e o fluxo da correlação regional de forças devem ser monitorados.

Aqui estão as outras questões que, junto com o acúmulo de nossos próprios problemas, tratamos nestes artigos como os outros dois vértices do “Triângulo das Bermudas” por onde navega Cuba:

1. A “dupla margem do bloqueio” refere-se à disputa entre Cuba e os Estados Unidos com seus antípodas: a intensificação do conflito e o bloqueio versus a normalização das relações bilaterais, com ênfase no que podemos esperar e o que devemos não esperar de uma eventual cessação desta monstruosidade genocida;
2. A “vazante da esquerda latino-americana” refere-se ao efeito que esta mudança negativa na correlação de forças regional causa à Revolução Cubana, visto que o futuro de Cuba dependerá da emancipação do subcontinente, bem como da a emancipação do subcontinente dependerá do futuro de Cuba.

As premissas das análises e reflexões contidas nesta série de artigos são:

1. Quatro processos mundiais, escalonados e com efeitos cumulativos, exercem influências determinantes sobre as mudanças ocorridas na situação da América Latina desde os anos 1970, a partir das quais tanto a mutação ocorrida nas condições quanto nas características das lutas populares, como as possibilidades e limites dos governos de esquerda e progressistas:

1.1. Na década de 1970, deu-se um salto da concentração nacional para a concentração transnacional da propriedade, produção e poder político (conhecida como globalização), uma mudança qualitativa na formação econômico-social capitalista cujo gatilho foi o esgotamento irreversível da capacidade de

reprodução expansionista do capital que começou naquela década. Para amenizar seus efeitos, é desencadeada uma ofensiva do capital contra o trabalho, a fim de intensificar a concentração da riqueza e a exclusão social. No caso da América Latina, esse processo modifica o lugar que a região ocupava desde o início do século XX na divisão internacional do trabalho e destrói as estruturas e relações socioclassistas características dessa fase.

1.2. Na década de 1980, a avalanche universal do neoliberalismo sustenta, legitima e institucionaliza a concentração transnacional de propriedade, produção e poder político, incluindo a reestruturação e refuncionalização dos mecanismos globais e regionais existentes de dominação imperialista e a criação de outros. Além de sofrer os efeitos gerais desse processo, como o resto do mundo subdesenvolvido e dependente, a América Latina sofre os efeitos específicos de um novo sistema de dominação continental do imperialismo norte-americano, implantado fundamentalmente durante a gestão presidencial de George H. Bush (1989-1993).

1.3. Entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, o colapso da União Soviética e o bloco do Leste Europeu do pós-guerra, nucleados em torno dela, tornaram mais fácil para o imperialismo encobrir sua própria crise sistêmica, abriram caminho para o avanço incontestado da avalanche universal do neoliberalismo, e mergulhou no descrédito, a curto e médio prazo, das ideias revolucionárias e socialistas.

1.4. Na década de 1990, a neoliberalização da social-democracia europeia se cristalizou. Este vetor político e ideológico heterogêneo, que durante as primeiras seis décadas do século XX contribuiu para a reprodução da hegemonia burguesa e se tornou o porta-estandarte do «estado de bem-estar», em resultado do colapso da URSS e para atenuar o crescimento e rejeição dos povos ao neoliberalismo, acabou negando por completo suas origens, o que vinha fazendo desde o início daquele século XX, assumiu a doutrina neoliberal como própria e, com um discurso *leve*, disfarçado de “alternativa”, “rebelde” e Mesmo como “adversário”, ele se dedicou a reproduzir a hegemonia burguesa da atual fase de involução do capitalismo: a hegemonia neoliberal.

2. A sucessão de “elementos predominantes” que caracterizam a nova etapa de lutas iniciada na América Latina entre 1989 e 1991 é a seguinte:

2.1. 1989-1994: a reestruturação do sistema de dominação continental do imperialismo norte-americano, baseado na imposição da democracia neoliberal e em mecanismos transnacionais de controle e sanção de “infrações”.

2.2. 1994-1998: agravamento da crise estrutural e funcional do capitalismo latino-americano, ocasionada pela mudança qualitativa do sistema de dominação.

2.3. 1994-1998 (em paralelo ao anterior) o surgimento da luta dos movimentos sociais contra o neoliberalismo, uma parte importante da qual se transformou em movimentos político-sociais.

2.4. 1998-2009: a eleição de governos progressistas e de esquerda que conseguem capitalizar os efeitos sociais e políticos da concentração da riqueza e aproveitar os espaços políticos formais da democracia burguesa.

2,5. 2009-: a contraofensiva do imperialismo norte-americano e do direito latino-americano de recuperar os espaços conquistados por esses governos.

O efeito em cadeia desses cinco processos é: quanto maior a dominação, maior a crise; quanto maior a crise, maior a luta social; quanto maior a luta social, maior o potencial para a luta política; e a esquerda está há mais tempo no governo sem fazer transformações estruturais, os flancos se abrem à desestabilização, aumenta o voto de punição de setores não comprometidos com ela – que antes o haviam lançado contra os neoliberais -, e a abstenção de punição aparece dentro suas próprias bases sociais.

3. Em virtude dos “processos” e “elementos predominantes” delineados acima, a esquerda latino-americana e o progressismo têm, desde meados da década de 1980 até o presente, duas fases de acumulação e três fases de decumulação de força social e política. Note que a acumulação começa em 1985, ou seja, antes da reestruturação do sistema de dominação continental do imperialismo norte-americano (1989-1991).

3.1. Estágios de acumulação:

3.1.1. De 1985 a 1998, as cidades reuniram força social suficiente para derrubar governos neoliberais e força política suficiente para ocupar espaços nos governos locais e legislaturas nacionais, mas insuficiente para ocupar o governo nacional.

3.1.2. De 1998 a 2009, os povos alcançaram força social e política suficiente para eleger, e em alguns países reeleger várias vezes, governos nacionais de esquerda ou progressistas.

3.2. Fases de descumulação:

3.2.1. De 2009 a 2012 não houve derrotas eleitorais de governos esquerdistas ou progressistas, mas houve golpes de “novo tipo” nos “elos mais fracos da cadeia”: Honduras (2009) e Paraguai (2012).

3.2.2. De 2013 a 2014 não houve derrotas eleitorais, mas houve uma maior eficácia da estratégia desestabilizadora, que reduziu ao mínimo a margem de votos com que a esquerda manteve o governo na Venezuela (2013) e em El Salvador (2014).

3.2.3. De 2015 a 2019, as derrotas eleitorais na Argentina, El Salvador e Uruguai, os golpes de estado “de um novo tipo” no Brasil e na Bolívia e a traição no Equador atingiram seis dos “elos mais fortes da cadeia”, vez que se intensifica o cerco contra os dois restantes: Venezuela e Nicarágua.

Palavras finais

No primeiro semestre de 2009, o acúmulo continental de força social e de força política da esquerda e do progressismo latino-americano e caribenho estava em seu apogeu. O eixo dessa acumulação foi a interação solidária entre a ALBA-TCP e o MERCOSUL, hegemônica pela esquerda e pelo progressismo que, junto com o Grupo do Rio e a CARICOM, encurralou a OEA a tal ponto que na XXXIX Assembléia Geral daquela organização, nos dias 2 e 3 de junho daquele ano, foi forçada a anular a expulsão do Governo Revolucionário de Cuba do Sistema Interamericano, adotada por sua VIII Reunião de Consulta, em 30 de janeiro de 1962. Embora Cuba nunca retorne à OEA, essa decisão constitui uma reivindicação histórica.

O cancelamento das sanções ainda em vigor contra Cuba pela OEA ocorreu apenas quatro meses e 14 dias após a posse de Barack Obama como presidente dos Estados Unidos. Não é por acaso que Ben Rhodes, Assistente Adjunto de Segurança Nacional que, no segundo mandato de Obama, desempenhou papel protagonista nas negociações que levaram ao restabelecimento das relações diplomáticas entre os Estados Unidos e Cuba, disse em suas memórias: «todas as vezes quando viajamos para a América Latina, nossas reuniões foram dominadas por reclamações sobre nossa política para com Cuba». [7]

Mas 2009 foi o ano em que se iniciou a primeira fase de desacumulação da força social e política da esquerda e do progressismo latino-americano mencionado neste artigo (2009-2012). Note a brusquidão da mudança, ocorrida em apenas 25 dias do mesmo mês, no mesmo país e com a mesma figura política do centro:

– O levantamento da sanção da OEA contra Cuba ocorreu em 3 de junho de 2009, em Honduras, com o Presidente Manuel Zelaya como anfitrião da Assembleia Geral da OEA;

– A primeira derrubada de um governo latino-americano de esquerda ou progressista ocorreu no dia 28 de junho, nas próprias Honduras, tendo o próprio presidente Zelaya – e o povo hondurenho – como vítimas.

O segundo artigo desta série delineará algumas reflexões sobre os dois processos de normalização das relações entre Cuba e os Estados Unidos que se desenvolveram, um durante os mandatos presidenciais de Gerald Ford (1974-1977) e James Carter (1977-1981), e a outra durante o segundo mandato de Barack Obama (2013-2017), e serão sugeridas algumas ideias sobre o que esperar e o que não se deve esperar do eventual levantamento do bloqueio. A priori, é claro que o contexto regional da disputa entre os dois países no início do governo Biden não é o mesmo que existia no início do governo Obama.

Notas:

[1] Em seu Informe Central ao VI Congresso do Partido Comunista de Cuba, realizado de 16 a 19 de abril de 2011, seu primeiro secretário, General do Exército Raúl Castro Ruz afirmou: «Este Congresso [...] na prática deu início ao 9 de novembro do ano passado, quando foi apresentado o Projeto de Diretrizes da Política Econômica e Social do Partido e da Revolução, tema que, como já foi apontado, constitui o tema central do evento, em que grandes expectativas do município “

[2] Eduardo Galeano: «A utopia está no horizonte. Eu ando dois passos, ela se afasta dois passos e o horizonte corre dez passos adiante. Então, o que é bom utopia? Isso serve para andar”.

[3] Fidel Castro Ruz: Discurso na Aula Magna da Universidade de Havana em 17 de novembro de 2005.

[4] Discurso do General do Exército Raúl Castro Ruz, presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros, no encerramento do VI Período de Sessões da Sétima Legislatura da Assembleia Nacional do Poder Popular, no Palácio das Convenções, dia 18 de dezembro, 2010.

[5] Fidel Castro Ruz: Discurso proferido na Escadaria da Universidade de Havana em 13 de março de 1968.

[6] Cuba aderiu ao CAME em 11 de julho de 1972, no qual sua relação mais estreita era com a URSS. Sobre este assunto, Guerra e Maldonado afirmam: «[...] em dezembro de 1972, um importante acordo foi assinado com a URSS, na sequência do encontro em Moscou entre Fidel Castro e Leonid Brezhnev – que retribuiu a visita em janeiro de 1974 -, que adiou até 1986 o pagamento dos juros e do principal sobre todos os créditos soviéticos entregues a Cuba antes de 1973, embora os pagamentos projetados continuassem até o século seguinte. Isso significa que o intercâmbio com a URSS veio na década de 80 para representar mais de 60 por cento de todo o comércio exterior da ilha: 63 por cento em alimentos, 86 por cento em matérias-primas, 80 por cento em máquinas e equipamentos, 98 por cento em combustível, 57 por cento em produtos químicos e 75 por cento em manufatura. Como resultado, a economia prosperou a um ritmo extraordinário. ‘ Sergio Guerra e Alejo Maldonado: *História da Revolução Cubana: síntese e comentário*, Ediciones La Tierra, Quito, 2005, pp. 158-159.

[7] Ben Rhodes: *The World As It Is: A Memoire of the Obama White House*, Random House, New York, 2018, p. 206.

[8] O termo desestabilização de espectro total é uma paráfrase dos termos guerra de espectro total e dominação de espectro total formulados pela pesquisadora mexicana, professora e lutadora social Dra. Ana Esther Ceceña, que abrangem uma multiplicidade de e sociais, incluindo a ameaça e uso da força e o uso de técnicas de guerra psicológica, cujo efeito é semelhante ao de um terremoto que não para e de um polvo que atinge, ao mesmo tempo, com todas as suas pernas. Veja: “Coups de espectro total”, em (<https://www.alainet.org>), 25-5-2014 (consultado em 12-4-2019).

Nota do autor:

O primeiro artigo desta série será publicado em *La Tizza* na segunda-feira, 12 de abril de 2021, menos de 24 horas depois do resultado do segundo turno da eleição presidencial equatoriana em que era conhecido o candidato da oligarquia Guillermo. Andrés Arauz, candidato da União pela Esperança, representante da Revolução Cidadã (2007-2017), foi derrotado.

O reconhecimento do triunfo de Laço por Arauz afasta qualquer possibilidade de que a fraude (no processo de votação e contagem de votos) tenha sido o motivo pelo qual, a mesma oligarquia que comandou o governo Lenín Moreno, é aquela que o governo exercerá, sem mediação, durante os próximos cinco anos. Não houve fraude, é claro, no entendimento de que na verdadeira democracia existente na América Latina, ela não é considerada “fraude”, mas “legal”, a “desestabilização de todo o espectro” [8], incluindo a “guerra da mídia”, a “guerra legal”, a “guerra parlamentar” e outras guerras, às quais a Revolução Cidadã, seus dirigentes e sua militância em geral foram submetidos durante os 10 anos de presidência de Rafael Correa e, mais ainda, durante os 5 anos de Moreno .

O que explica por que a maioria dos equatorianos que votaram ontem, que viveram a experiência da Revolução Cidadã e depois a experiência da restauração neoliberal, tenham optado por esta última? A resposta pertence a esse povo. Você tem que dar tempo para que ele processe o que aconteceu e faça uma avaliação ponderada. Por enquanto, avancemos a opinião geral, não apenas referindo-nos ao Equador, de que, embora uma das causas dos retrocessos sofridos seja a investida do imperialismo e das oligarquias crioulas, a outra reside nos governos e nos próprios partidos de esquerda e progressista: em as deficiências e erros de seus objetivos, programas, estratégias e táticas, e nas partes que essas deficiências e erros abrem para metodologias desestabilizadoras, cujo propósito não é outro senão tirar o máximo proveito de nossos pontos vulneráveis. É impossível para a maioria de uma sociedade, no Equador ou em qualquer outro país, simplesmente “se confundir” com a “guerra da mídia”. É necessária uma análise autocrítica mais profunda.

- **Roberto Regalado (Havana, 1953):** Cientista político, doutor em Ciências Filosóficas, professor associado de Ciências Políticas, licenciado em Jornalismo e professor de Inglês. Membro da Seção de Literatura Histórica e Social da Associação de Escritores da União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba. Entre seus livros estão América Latina entre séculos: dominação da crise, luta social e alternativas políticas de esquerda (2006), Encontros e desentendimentos da esquerda latino-americana: uma visão do Fórum de São Paulo (2007), A esquerda latino-americana no governo: alternativa ou reciclagem? (2012), e Construindo a Integração Latino Americana e Caribenha (2012, em coautoria com Valter Pomar), bem como a compilação e edição das antologias Os governos de esquerda na América Latina (2018), O ciclo progressivo na América Latina (2019) e Experiências do ciclo progressivo na América Latina (2020).

Fonte: https://medium.com/la-tiza/el-tri%C3%A1ngulo-de-las-bermudas-por-el-que-navega-cuba-i-6fc6bc411dbe#_ftnref1



Foto: Hernán Camacho

www.flickr.com/photos/semanariovoz/10720415294/